



O GÊNERO FÁBULA COMO OBJETO DE ENSINO NA ESCOLA A PRODUÇÃO ESCRITA COM OS ALUNOS DO 6º E 7º ANOS DO MEIO RURAL- BREVES/PA

Ana Carolina Gonçalves dos SANTOS (FIG)

Orientador: Prof. Me. Joel Pantoja da SILVA

Resumo

O artigo analisa as condições de produção escrita do gênero fábula para o desenvolvimento da linguagem dos alunos do 6º e 7º anos, da Escola Municipal São Félix, situada no Distrito São Miguel, município de Breves-PA. Objetivamos com essa investigação, analisar o processo de construção da linguagem escrita nesse gênero, a partir de uma sequência de atividades, voltando-nos para as características e os aspectos linguístico-textuais. A metodologia usada na pesquisa é cunho etnográfica através do processo de idas e voltas no local da pesquisa, passando pelas etapas da observação indireta, observação participante e entrevista com os alunos. Analisamos os dados da investigação considerando a abordagem interacionista da linguagem e sua relação de enunciação e intertextualidade na escrita do gênero fábula. Descobrimos com este estudo a relevância de tornar a produção textual objeto constante de desenvolvimento da linguagem escrita dos alunos em meio a muitos desafios pedagógicos.

Palavras-chave: Ensino. Gênero escrito. Intertextualidade. Linguagem. Marajó.

INTRODUÇÃO

O Arquipélago do Marajó se localiza no norte do Estado do Pará compondo um território com muitas biodiversidades naturais e uma vasta pluralidade cultural, constituído por duas “singularidades históricas”, Marajó dos Campos, que abrange os municípios de Soure, Salvaterra, Cachoeira do Arari, Santa Cruz do Arari, Ponta de Pedras, Muaná e Chaves. E o Marajó das Florestas, que abrange os municípios de São Sebastião da Boa Vista, Curralinho, Bagre, Breves, Melgaço, Portel, Anajás, Gurupá e Afuá (PACHECO, 2009).

Essa pesquisa foi desenvolvida na parte ocidental do arquipélago, conhecida como Marajó das Florestas, onde se encontra localizado o Município de Breves-PA. Para chegar nesse município é necessário utilizar como transporte embarcações, com aproximadamente 12 horas de viagem, ou, avião, com aproximadamente 50 minutos ou 01 hora de duração, viajando de Belém-PA.

O município de Breves, apresenta em seu meio rural duzentos e setenta e quatro escolas, subdivididas nos respectivos distritos: Antônio Lemos, Curumu, São Miguel e Sede Rural. Dentre esses, a pesquisa realizou-se no Distrito de São Miguel, com ênfase na Escola Municipal de Ensino Fundamental São Félix, situada na Vila São Félix – rio Aramã de Breves. Esse estabelecimento de ensino, local de realização da pesquisa, é uma das mais centralizadas deste distrito, atendendo em sua logística os rios vizinhos como Aramã, Meratauá, Mapujá Mirim e Matamatá.

O interesse pelo tema surgiu a partir da inquietação como professora de língua portuguesa, no meio rural, onde o quadro de conteúdos programáticos sugeridos pelo sistema educacional rural é baseado no trabalho com gêneros textuais. Isso me motivou para a pesquisa com o desejo em contribuir com a comunidade escolar, visando o desenvolvimento criativo e textual dos alunos do meio rural, assim como, colocar-me nessa investigação na condição de pesquisadora. Isso fez-me rever aspectos importantes de usos da língua escrita relacionadas a coesão, coerência, níveis de linguagens, pontuação, acentuação, ortografia e outros.

A partir desse olhar, passei a observar com mais propriedade o trabalho de produção escrita, em sala de aula, voltado para o gênero textual – a fábula. A este respeito, Portella (1983:121) expõe os diferentes sentidos relacionados ao conceito do gênero de texto fábula:

[...] a palavra "fábula" encerra conceituação vária. De um lado, designa a série ou a sequência de incidentes que compõem a ação de qualquer obra narrativa. [...]. E Lessing amplia mais este conceito afirmando que cada poema, com o qual o poeta liga uma certa intenção, chama-se uma fábula.

Por outro lado, como forma literária específica, a fábula é uma narração breve, em prosa ou em verso, cujos personagens são, via de regra, animais e, sob uma ação alegórica, encerra uma instrução, um princípio geral ético, político ou literário, que se depreende naturalmente do caso narrado.

Se, por um lado, do ponto de vista narrativo, a fábula representa uma série de incidentes – ações inesperadas compondo uma estrutura narrativa caracterizando uma obra. Por outro, no campo literário, consiste em uma forma específica baseada em uma narração breve, em prosa, cujas ações são representadas por animais encenando uma ação alegórica, que visa uma instrução ética, política ou mesmo literária encontrando ressonância no comportamento da sociedade local.

O ensino da funcionalidade do gênero textual possui elevada importância em Língua Portuguesa, destacando-a por incentivar os alunos a escreverem e falarem considerando os contextos da comunicação. Importância essa que se intensifica por ensinar as competências de usos da linguagem – seja padrão, informal, coloquial, caipira, etc. – compondo os gêneros textuais. Ou seja, o ensino de Língua Portuguesa é um instrumento fundamental e preciso para se comunicar na sociedade.

Analisamos, nesta pesquisa, a produção do gênero textual fábula produzido pelos alunos do 6º e 7º anos, da Escola Municipal de Ensino Fundamental São Félix, situada no Distrito de São Miguel. Nessa análise, assim como a pesquisadora Irandé Antunes, assumo a perspectiva da abordagem interacional da linguagem.

Assumo, portanto, que o núcleo central da presente discussão é a *concepção interacionista, funcional e discursiva da língua*, da qual deriva o princípio geral de que a *língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas, materializadas em textos orais e escritos* (ANTUNES, 2003:42).

Assumir a concepção da dimensão interacional da linguagem significa situar o sujeito no contexto histórico, social e cultural de uso da língua durante o processo de comunicação estabelecido entre os interlocutores – seja oral ou escrito, em sala de aula. Nessa direção, fica em evidências as condições produções das práticas discursivas e intersubjetivas da comunicação em textos orais ou escritos

Diante disso, a experiência de trabalho docente no meio rural ocorreu a pouco mais de um ano, que comparado ao trabalho na cidade apresentou-me uma mudança considerável na prática docente de como se trabalhar a língua portuguesa, em sala de aula. Diferente dos alunos da cidade, os do meio rural apresentam uma constante ausência na produção escrita de competências da gramática normativa, utilizando na produção textual, com mais frequência, a linguagem coloquial ou local.

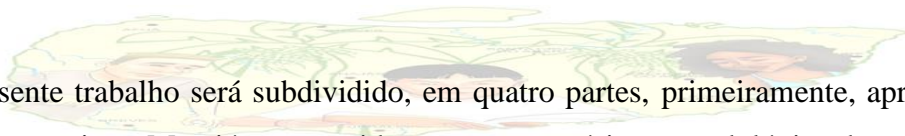
Neste ponto, com a proposição de trabalhar com gênero textual, surgiram os seguintes questionamentos: Quais as competências linguísticas, que o gênero textual fábula, pode desenvolver nos alunos do 6º e 7º anos? A produção escrita pode ser trabalhada de que modo, a partir do gênero textual em estudo? Objetivamos com essa investigação, analisar o processo de construção da escrita nesse gênero fábula, a partir de uma sequência de atividades, para trabalhar as suas características em si, especificidades e aspectos linguístico-textuais.

A metodologia realizada na pesquisa foi a qualitativa, através do processo de idas e voltas no local da pesquisa, passando por algumas etapas, buscando interação com os pesquisados e seu contexto escolar.

Os dados são colhidos, iterativamente, num processo de idas e voltas, nas diversas etapas da pesquisa e na interação com seus sujeitos. Em geral, a finalidade de uma pesquisa qualitativa é intervir em uma situação insatisfatória, mudar condições percebidas como transformáveis, onde pesquisador e pesquisados assumem, voluntariamente, uma posição reativa. (LESSARD et. al. 1990: 89).

Os dados coletados, em seu processo de investigação, estão ligados ao contexto de sala de aula, leitura e a produção escrita do gênero textual fábula, foram colhidos diante das relações dos alunos com esse gênero. A partir deste momento, procuramos partir ativamente do processo de suas particularidades em discussões e orientações de planejamentos de sua escrita ampliando as competências linguístico-textuais e discursivas dos alunos.

Como instrumentos de coleta de dados, utilizamos a observação indireta, em sala de aula, com as turmas de 6º e 7º anos, da referida escola. Após esse momento, desenvolvemos a observação participante envolvendo-me nas atividades de leitura e produção escrita do gênero textual fábula. Ainda, entrevistamos dois alunos do 6º ano e dois alunos do 7º ano. Por fim, das produções das fábulas analisamos duas: uma do 6º ano e uma do 7º ano.



Assim, o presente trabalho será subdividido, em quatro partes, primeiramente, apresentará o ensino dos gêneros textuais no Marajó, em seguida os aspectos teórico-metodológico da pesquisa, em seguida, passando para a produção do gênero textual fábula, ensino e análise e finalizando com alguns resultados da pesquisa.

1 O ensino de português e gêneros textuais pelo Marajó

O Arquipélago do Marajó é banhado pelo rio Amazonas, próximo do oceano Atlântico, e entrecortado fluvialmente pelo rio Pará. É considerado por pesquisadores como sendo a maior ilha flúvio-marítima do mundo, por ser banhada por águas fluviais e oceânicas. Seu espaço é marcado por campos e por uma exuberante natureza de praias, manguezais, ilhas, rios e florestas (PACHECO, 2009).

Em se tratando do meio rural marajoara, pesquisas realizadas entre rio Tajapuru, fronteira com Breves, interligando-se com as águas amazônicas do distrito de São Miguel, colaboraram para as reflexões entre os meios de comunicação e as mediações construídas nessas interações sociais. Nessa direção de compreensão, destacamos a tensão vivida na interação das práticas sociais modernas e o modo de vida tradicional, segundo Silva (2013:51):

Entre meios e mediações, tratamos de pontuar como as populações ribeirinhas, formadas em matrizes de tradição oral, resistem às práticas culturais modernas, criando espaços de negociações com os seus saberes tradicionais. A tensão entre moderno e tradição, nesta realidade do rio Tajapuru, trazem sentidos sociais sobre as tecnologias de informações, a partir das experiências de contado com a aquisição do rádio, televisão, antena parabólica e grupo gerador de energia na região.

Em direção das águas do rio Tajapuru ao distrito de São Miguel em seus vários rios e afluentes, os meios de comunicação inseriram-se de forma desigual entre os moradores passando a compor a paisagem da cultura local. É nesse cenário vivido por alunos dos diferentes espaços rurais deste distrito que enfatizamos a relevância de estudar os gêneros de textos e suas materialidades mediadas pelas tecnologias de comunicação nesta região.

Neste espaço não podemos negar a reafirmação das práticas culturais de tradições aprendidas na relação da escuta e oralidade acerca das narrativas. A esse respeito, Silva (2013:118) explica que:

Um olhar mais atento às narrativas orais, sem muita dificuldade vai perceber a recorrência com a qual os ribeirinhos, em geral, operam com a tradição oral para comunicar suas posições de mundo e relatos de vida e estas representações, com muita frequência, se filiam a uma rede de memória.

As redes de memórias construída em espaços rurais marajoaras mostram o quanto as contações de histórias fazem parte das identidades dos alunos e seus familiares. No Marajó, em particular na vila São Félix, situada no distrito de São Miguel, os alunos possuem contato com diferentes narrativas, das quais assinalamos as fábulas que se filiam as memórias sociais entre apropriações, reafirmações e reformulações com suas distintas versões contadas.

Desse modo, o lugar é repleto de narrativas, muitos moradores que lá residem estão desde sua criação repassando histórias de vivências para os mais novos. De tal modo que, muitas narrativas contadas por alunos são interligadas por eles a alguma história contada por seus familiares mais velhos. Essas narrativas refletem em sua forma de gêneros de texto, em sala de aula, quando exploradas em atividades relacionadas ao desenvolvimento da leitura e produção escrita.

Diante disso, os gêneros dos discursos – em sua modalidade oral ou escrita, na visão Bakhtiniana, constitui socialmente as diferentes manifestações da linguagem nas práticas sociais que envolvem historicamente os sujeitos. É importante torná-lo objeto de ensino na escola mostrando suas formas de materialidade linguística na sociedade, conforme a perspectiva de Bakhtin (1997:280).

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, sempre estão relacionadas com a utilização da língua. [...]. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Esses três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

Por essa interpretação, os gêneros textuais apresentam caracterizações peculiares cujos conteúdos temáticos referem-se à temática que cada gênero traz em sua materialidade, ou seja, corresponde ao conjunto de diversos temas que podem ser abordados por um determinado gênero. O estilo refere-se aos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais utilizados pelo enunciadador, mais precisamente aos níveis de uso da linguagem (coloquial, formal). Já, a construção composicional diz respeito a sua estrutura interna, como ele se forma.

Podemos ressaltar que o currículo escolar busca manter uma relação com a realidade cultural dos alunos, com intuito de aliar o seu modo de vida as situações de comunicações, intensificando a permanência e interesse dos alunos. Nesse caso, as histórias das fábulas encontram relevantes relações com as narrativas orais sobre os animais da floresta como “O sapo surdo e as pessoas”, que segundo

os alunos, o primeiro morador da vila São Félix não ligou para o que os outros falavam e continuou a construir casas para os seus funcionários, fez-se de surdo para construir uma das maiores vilas do distrito de São Miguel.

Se por um lado, o gênero como objeto de ensino ganha importância partindo do pressuposto de que, para se comunicar, é necessário utilizar-se de um gênero textual. Por outro, Marcuschi (2010:19) ressalta que:

Já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. [...] São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. [...] os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos.

Os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos, surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais. Ou seja, para Marcuschi não se tem uma definição propriamente do que é um gênero, pois, o mesmo é dinâmico e maleável de acordo com a necessidade, assim, não se pode fazer uma lista fechada dos gêneros.

Diferentes dos textos ou tipologias textuais que partem da constituição de constructos metalinguísticos (KOCH, 2012), os gêneros estão vinculados às condições históricas de sua realização em dada cultura, circulam no cotidiano das cidades e comunidades rurais marajoaras são vários e suas utilizações pedagógicas de maneira intercalada com especificidades e aprimoram as competências sociodiscursivas desencadeando um ensino mais produtivo (ANTUNES, 2003).

Nesse sentido, os gêneros vêm sendo trabalhado nas escolas do Marajó por professores de Língua Portuguesa, como instrumentos dinâmico e adaptáveis de acordo com a faixa etária de cada turma. E no meio rural busca-se trabalhar os gêneros aos quais os alunos possuem mais contato e identificação, por exemplo, quadrinhos, receita culinária, fábulas, carta pessoal, bilhete, entre outros que fazem parte do cotidiano deles.

Desse modo, a função do gênero pode ser determinada a partir das intenções comunicativas, podendo ser aproveitada a diversidade sócio comunicacional existente em cada espaço vivenciado. Nesse sentido, Antunes (2002:15) argumenta que:

Acreditamos que a aprendizagem humana somente se processa na medida em que o educando é capaz de construir significados e atribuir sentidos ao conteúdo da aprendizagem; aceitamos, dessa maneira, que todo aluno é sempre o agente central na forma como constrói conhecimentos.

Assim, tendo como base o texto acima, acrescenta-se que em toda prática de ensino deve ser dada importância devida à valorização da relação de interação entre professor, aluno e língua portuguesa. Pois, ser professor de língua portuguesa, não é simplesmente trabalhar uma área específica, é trabalhar em consonância as três áreas – gramática, literatura e produção escrita, assim como, seus desdobramentos complementares voltados para as competências linguísticas.

É necessário salientar que essas competências serão apenas aperfeiçoadas e não adquiridas, pelo fato de o aluno ao ingressar na escola já ser usuário de sua língua. Porém, o aluno precisa desenvolver as competências comunicativas em diferentes situações e níveis de uso da língua escrita ou oral. O que nos faz perceber que necessitam de um incentivo para produzirem textos adequados as condições de comunicação. Para Koch e Travaglia (2011:110):

Uma vez que aceita que não existe texto incoerente em si, mas apenas que o texto pode ser incoerente para alguém em determinada situação discursiva, o professor deve trabalhar a produção (e também a compreensão) de textos, buscando, sempre, deixar muito claro em que situação o texto a ser produzido (ou compreendido) deve ser encaixado.

Salientar que o professor necessita incentivar seus alunos a interagirem com os textos, para que a linguagem seja realmente comunicativa, ou seja, o profissional precisa incentivar seus alunos a compreenderem o ato interlocutivo. Assim, o aluno passa a julgar e tomar posicionamentos com relação ao texto, formando nesse sentido, um aluno mais crítico e reflexivo, não somente em relação aos textos, mas também em sua leitura de mundo que o envolve na sociedade.

2 Aspectos teórico-metodológicos da pesquisa

A fábula surgiu no Oriente, desenvolvida pelo escravo Esopo, apresentando em sua composição conteúdo filosófico e moral. Constitui-se um gênero narrativo ficcional popular conhecida, possuindo uma narração curta e uma moral. Essa história desenvolve-se por meio de diálogos entre os animais com intuito de transmitir lições morais e princípios de vida aos homens na sociedade (PORTELLA, 1983).

Por essa ótica, os fabulistas sempre utilizam animais como personagens de suas narrações e os colocam em circunstâncias que lembram situações vivenciadas por seres humanos, tornando os animais uma espécie de símbolo e representação de relações humanas. Por exemplo, a formiga, geralmente, simboliza o trabalho; o porco o que come muito; o burro, aquele que possui dificuldade para aprender, entre outros, a fim de chamar a atenção para os valores morais (PORTELLA, 1983).

Nesse sentido, as fábulas costumam apresentar tempo e lugares imprecisos, para assim chamar mais a atenção do leitor e geralmente a moral da fábula é o resumo da história, uma espécie de ensino

ou algo que o humano deveria fazer e, muitas vezes, não faz moralmente. Pode ser caracterizada como um gênero de alta projeção pragmática, objetiva e com cunho moralizador.

Em termos educacionais, as fábulas assumem objetivos distintos quanto ao estudo dos aspectos literários, no sentido, da reflexão filosófica das relações humanas vividas em sociedade, quanto das posições morais que envolvem os ensinamentos que devem ser apreendidos pelas pessoas. Já, em relação à concepção dos estudos de gêneros textuais, baseados nas competências sócio comunicativas e linguísticas, o trabalho pedagógico com as fábulas revela outras funcionalidades envolvendo os aspectos de uso da capacidade acerca da língua escrita e oral.

A este respeito, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa apontam duas perspectivas acerca deste estudo relacionado tanto aos aspectos literários, quanto aos aspectos dos gêneros textuais. Diante das questões literárias apreendemos os seguintes pontos:

Do ponto de vista linguístico, o texto literário também apresenta características diferenciadas. [...]. Nesse processo construtivo original, o texto literário está livre para romper os limites fonológicos, lexicais, sintáticos e semânticos traçados pela língua: esta se torna matéria-prima (mais que instrumento de comunicação e expressão) de outro plano semiótico – na exploração da sonoridade e do ritmo, na criação e recomposição das palavras, na reinvenção e descoberta de estruturas sintáticas singulares, na abertura intencional a múltiplas leituras pela ambiguidade, pela indeterminação e pelo jogo de imagens e figuras (PCN, 1998:27).

Nesse aspecto, as orientações deste instrumento de apoio à prática docente sugerem direcionamentos para o professor trabalhar, em sala de aula, com a inclusão da função da literatura – o que, para que e como ensiná-la – mostrando a liberdade de uso da língua e sua funcionalidade no texto literário. Desse modo, destaca-se com intuito de apontar quais elementos constitui o papel da literatura e o seu ensino nesses documentos oficiais, a fim de orientar em que medidas podem auxiliar o fazer docente no ensino da literatura na escola.

Ressaltamos que o gênero de texto fábula se encontra no domínio discursivo literário, trazendo de forma dinâmica as relações intertextuais, ou seja, reflete o social e cultural recorrente em diferentes pontos de vistas. Isto faz com que suas versões orais ou mesmo escrita assumam conotações distintas dependendo do contexto de apropriação de acordo com cada concepção da cultura local e sua forma de trabalho pedagógico, em sala de aula, com os alunos.

Neste estudo, partimos para o Distrito São Miguel onde entramos no cenário da pesquisa. Esse distrito, conforme dados da Divisão Educacional Municipal Rural, possui em sua estrutura educacional 07 polos, 111 escolas, 167 turmas, 167 professores e 11 servidores de apoio. Esses profissionais atendem muitos moradores, os quais a própria Divisão Educacional Municipal Rural, não possui um levantamento estatístico exato de quantos residem neste distrito.

No distrito São Miguel fica situada a vila São Félix entre o rio Aramã de Breves, tendo como rios vizinhos o rio Meratauá, o rio Mapuá Mirin e o rio Matamatá. A vila ficou conhecida como São

Felix por causa do nome do patriarca da família – o senhor Sebastião Horta Félix, e também do santo padroeiro da vila, São Sebastião. Nessa comunidade se localiza a Escola Municipal São Félix, o lugar da pesquisa.

Iniciamos o trabalho com o gênero textual fábula, com os alunos do 6º ano e 7º ano, com idade entre 12 e 23 anos. Nessa interação, utilizamos com procedimentos de investigação a observação indireta, observação participante para acompanhar e auxiliar os referidos alunos na leitura e produção do gênero fábula e, posteriormente, fizemos entrevista com os alunos. No final desse percurso solicitamos a produção textual de fábulas.

As observações indiretas realizadas tanto no 6º ano, quanto no 7º ano, foram com objetivo de perceber, primeiro, uma visão sobre os comportamentos e atitudes dos alunos (comportamento voltado para os amigos, professores e coordenação). Assim, obtivemos a impressão de que muitas atitudes tomadas por eles na escola associavam-se a alguma prática vivida em casa ou comunidade onde residem.

Em seguida, ampliamos esse foco em função da observação participante procurando registrar os desafios, as dificuldades, necessidade e novas aprendizagens com as duas turmas, a partir da organização e distribuição das atividades, em sala de aula, acerca da leitura e produção escrita. Por terem, em grande parte, os alunos das duas turmas, problemas de distorção ano/idade, nem todos participaram por vergonha ou medo de envolverem-se com a leitura oralizada. Aos poucos os contatos com as práticas de leituras foram incentivando o desejo de superar esses obstáculos.

As entrevistas foram realizadas com todos os alunos presentes do 6º ano e do 7º ano, nas suas salas de aula, sendo realizada de maneira livre, sem nenhuma imposição de resposta ou conceito. As entrevistas tinham cinco perguntas abertas, direcionadas para registrar os conhecimentos que os alunos possuíam sobre o gênero (fábula), antes das produções escritas. Destacamos na análise deste estudo duas entrevistas: uma com os alunos do 6º ano e uma com os alunos do 7º ano. Não tivemos muitos obstáculos nessa etapa da pesquisa em função de termos a confiança dos alunos pela aproximação com as atividades de leitura.

Nesse aspecto, com o desenvolvimento da leitura de diferentes fábulas os alunos perceberam haver uma certa intertextualidade – seja retomando outros discursos, seja situando relações previamente com outros textos já narrados ou escritos (KOCH, 2014) – fundamental para estabelecer uma memória interdiscursiva com outros textos e as próprias narrativas contadas na comunidade. Essa relação com os intertextos motivou os alunos a refletirem, lerem e produzirem as fábulas.

Durante o processo de escrita, reescrita e revisão a turma do 6º ano produziu 17 fábulas. Já, a turma do 7º ano elaborou 18 fábulas. Nesta pesquisa, analisamos tanto do 6º ano, quanto do 7º ano

uma produção escrita de cada ano. Este momento da produção passou pelas condições de aplicação da intertextualidade colaborando para os alunos produzirem fábulas aplicando em seus textos o cunho moral que acreditaram ir de acordo com o vivenciado na comunidade.

Nessa direção, “quanto ao conteúdo, pode-se dizer que a intertextualidade é uma constante: os textos de uma mesma época, de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma cultura, etc., dialogam, necessariamente, uns com os outros” (KOCH e TRAVAGLIA, 2011:94). Nesse sentido, a fábula por ser um gênero textual curto, breve e acessível, torna-se uma importante ferramenta pedagógica no âmbito do ensino da leitura, escrita e interpretações textuais.

3 O gênero escrito na escola: fábula, ensino e análise

Para chegarmos nas produções, primeiramente, os alunos passaram por um processo de contato direto com o gênero fábula, sendo instigados antes das atividades e produções sobre o que compreendiam e conheciam do gênero, o que achavam, o que acreditavam que ela poderia contribuir para com eles, se gostavam ou não do gênero.

Neste percurso de análise procuramos compreender quais as noções dos alunos a respeito do gênero textual fábula, suas experiências de leitura com este gênero e seus significados para a vida cotidiano na comunidade. Entre os alunos do 6º ano, destacamos a narrativa de Ronaldo: “O que eu mais ou menos entendi sobre as fábulas é que elas são relatos do que os nossos avós contam para a gente”¹. Nessa compreensão estão presentes as memórias dos familiares e sua transmissão pelas gerações mais novas por meio da tradição oral.

João, outro aluno da turma, expressa-se mostrando que: “fábulas são histórias contadas pelas pessoas que você conta, você conta a história da “Galinha dos ovos de ouro”, você já está contando uma fábula ou uma história de fábulas, são as pequenas histórias que você lê”². O aluno reconhece esse gênero, a partir de sua natureza oral, destacando-o como narrativas breves que são transmitidas a outras pessoas em processo de socialização de experiências.

As fábulas em suas diferentes temáticas filosóficas e, logo, morais em culturais formadas nas matrizes de tradições orais sofrem reajustes e reformulações ligando as memórias e ensinamentos. Considerando que essas histórias curtas apresentam distintos níveis intertextuais com a vida dos alunos e seus familiares tornam-se visíveis as associações de sentidos da leitura destas narrações com o modo como os alunos são muitas vezes ensinados.

¹ Entrevista realizada com o aluno Ronaldo, 6º ano da Escola Municipal São Félix, no dia 01 de dezembro de 2016, na vila São Félix, Distrito São Miguel, em Breves.

² Entrevista realizada com o aluno João, 6º ano da Escola Municipal São Félix, no dia 01 de dezembro de 2016, na vila São Félix, Distrito São Miguel, em Breves.

Diante deste contexto, a fábula “é a narrativa (de natureza simbólica) de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade” (COELHO, 2000:165). Além disso, os estudos realizados pela pesquisadora acerca da fábula mostram que o termo é de origem latina com o significado de “falar” e grega, também, que é o mesmo que “dizer”.

Em sua experiência de escuta de narrativas no âmbito familiar, Ronaldo descreve a relação das fábulas com a vivência na comunidade onde mora: “as Fábulas que eu li tem muito a ver com as histórias que as pessoas da comunidade contavam”. As fábulas simbolicamente reatualizam relações sociais adversas. Aprofundando essa percepção, João relata que:

A relação é igual a uma que eu ouvi uma pessoa antiga da comunidade falar que o homem da história “A Galinha dos ovos de ouro”, que o homem não se contentava que seus vizinhos eram felizes e eu ouvi uma história contada pelo meu avô que o homem não ficava quieto quando eles ficavam felizes ou seus vizinhos estragavam a felicidade e para o fim eles ficaram só sem família e sem amigos por isso não é bom ter ambição.

A moral da história da galinha dos ovos de ouro que não é bom ter ambição que pro fim acaba com tudo que a gente tem.

Essas são relações que constroem sentidos sociais, a partir da leitura dessas fábulas, trazendo reflexões e ensinamentos morais de convivência com o outro. Na escola o incentivo para a leitura das fábulas aproximada a realidade social dos alunos do ambiente escolar (AGUIAR TEIXEIRA e BORDINI, 1988). Salientamos que se faz necessária esta aproximação do professor com a realidade cultural dos alunos para depois inserir, em suas aulas, leituras pelas quais os alunos se interessem.

Com a turma do 7º ano, as fábulas chamaram a atenção, por possuírem uma leitura atrativa, livre e estimulante para sua imaginação e criatividade. Enfatizamos a percepção da aluna Renata: “Eu entendo que a Fábula ela mostra coisa que acontece no nosso dia-a-dia, ela tem contos bonitos, pessoas inteligentes e mostra coisas que nós não devemos fazer e nós fazemos”³. Para a aluna Joana, as fábulas “contam trechos de coisas parecidas como a existência por alguma coisa”.

A esse respeito, a “fábula seria, portanto, uma narração em prosa e destinada a dar relevo a uma ideia abstrata, permitindo, dessa forma, apresentar, de maneira agradável, uma verdade que, de outra maneira, se tornaria mais difícil de ser assimilada” (LIMA e ROSA, 2012:154). Olhar com essa perspectiva reflexiva nas entrelinhas deste gênero textual e relacionar seus significados com as interações sociais ajudam melhor compreender as ações humanas.

³ Entrevista realizada com a aluna Renata, 7º ano da Escola Municipal São Félix, no dia 01 de dezembro de 2016, na vila São Félix, Distrito São Miguel, em Breves.

Nessa direção, trazemos o relato da aluna Joana: “O que eu entendo sobre as fábulas é que são textos que mostram muitas coisas relacionadas com histórias”⁴. A partir dessa concepção, o gênero fábula compõe um modo de construção discursiva historicamente, mostrando diferentes formas de estruturação da narração e seus diversificados temas representados pela seleção de personagens.

Ampliando essa discussão, Renata explica como as relações das fábulas se articulam com o modo de vida na comunidade São Félix.

Aconteceu com o meu tio ele era muito ambicioso e uma vez ele estava cansado e só vivia atrás das pessoas caçava e então essa pessoa matou a caça e ele não.
E que nós aprenda mais as coisas do mundo, a não ser ambiciosos, não querer imitar algumas pessoas ou outras coisas que nós queiramos e também a fábula faz nos aprender mais a ler.

Se por um lado, as fábulas por terem essa natureza oral, constituídas pela oralidade, são associadas frequentemente as lições de moral, buscando nortear por meio de ações narradas – no caso, a ambição, como um tipo de comportamento não aceitável, quando ultrapassa as relações de respeito. Por outro, a leitura deste gênero amplia os conhecimentos sobre os princípios morais, inserindo no cotidiano das famílias as práticas de comportamentos justos, honestos e solidários.

O gênero fábula apresenta em sua composição narrativa uma linguagem vista como ação social, cuja interação se faz pela língua no processo de transmissão de saberes culturais, pensada como discurso e enunciação (BAKHTIN, 1997). Isto mostra na relação sócio-comunicativa que “Dizer uma narrativa é um ato linguístico para o qual todo falante tem competência” (DEZOTTI, 2003:22). Essa competência linguística não se refere apenas ao uso dos elementos internos da língua, mas as condições históricas da enunciação, trazendo práticas culturais e valores humanos.

A leitura e compreensão deste gênero possibilitou o incentivo ao gosto de sua produção escrita. Nesse caso, “escrever não é um dom nem um privilégio inato de gênios, mas um trabalho orgânico, um trabalho que envolve o fazer e o refazer” (PRESTES, 2001:10). Diante desse processo, “a reescrita é o momento da produção de um texto em que paralelamente também se produz leitura” (PRESTES, 2001:11).

Durante o desenvolvimento da produção escrita os alunos reescreveram seus textos duas vezes no processo de recriação, reformulação e organização textual. Essa experiência de retextualização das fábulas, a partir da leitura realizada com os alunos, em sala de aula, fora acompanhada na produção escrita de Miguel, aluno do 6º ano, que reescreveu a fábula “O gato e o rato”.⁵

⁴ Entrevista realizada com a aluna Joana, 7º ano da Escola Municipal São Félix, no dia 01 de dezembro de 2016, na vila São Félix, Distrito São Miguel, em Breves.

⁵ Produção textual do aluno Miguel, 6º ano da Escola Municipal São Félix, no dia 05 de dezembro de 2016, situada no Distrito São Miguel, em Breves.

Essa fábula elaborada pelo aluno Miguel apresenta coerência em relação a unidade textual construída por seu enredo. Ainda, traz as características principais deste gênero quanto a composição, o estilo verbal e conteúdo temático. Em termos da composição, este gênero textual apresenta-se com narrativa curta e uma moral organizada no final da história (LIMA e ROSA, 2012).

Já, quanto ao aspecto verbal o uso da língua em sua modalidade escrita é informal ao longo da narrativa. Na sua construção morfosintática expressa poucos conhecimentos linguísticos na organização das ideias construída por períodos simples e compostos do segundo parágrafo. Além disso, não domina certos conteúdos linguísticos como a pontuação, ortografia, acentuação, paragrafação entre outros. As competências linguísticas destes usos são fundamentais para o desenvolvimento da linguagem escrita do aluno.

Segundo Marcuschi (2001), é preciso trabalhar pedagogicamente algumas operações na produção escrita: eliminação de marcas estritamente interacionais e inclusão da pontuação; apagamento de repetições, redundância e introdução de substituições; substituição de turnos por parágrafos; diferenciação no encadeamento sintático dos tópicos; tratamento estilístico com seleção do léxico e estrutura sintática, num percurso do menos para o mais formal.

Em termos do eixo temático, a fábula produzida por Miguel é uma reescrita da fábula “O Gato e o rato”, da escritora Vitória Padilha Zanon, sendo uma versão textualmente recriada da fábula “Assembleia dos ratos”, de Esopo na qual era preciso colocar uma sineta no gato. Em sua fábula, a escritora reformula a trama da narrativa de Esopo, modificando o medo da colônia dos ratos de um gato por uma relação conflituosa vivida pelos dois animais – o gato (faminto) e o rato (a caça) – que foi resolvida quando o rato compartilhou com o gato um pedaço de queijo, matando sua fome, criando um ambiente harmônico e amigável entre os dois personagens.

Nesse sentido, retomando o mesmo título da escritora, Miguel produz sua fábula alterando o enredo da narrativa, trocando o ambiente desarmônico por causa da fome do gato que queria comer o rato por outra trama, envolvendo o tempo do sono para descansar. O gato da condição de caçador passa a figurar como vítima dos barulhos do rato. Já, o rato do papel de indefeso e vítima na narrativa passa a ser visto como vilão da história. Nessa narração o gato só persegue o rato por incomodar o seu descanso e acaba ficando preso com a cabeça em um buraco.

Diante disso, faz-se relevante retomar os sentidos da intertextualidade como “princípio segundo o qual todo texto remete sempre a outro ou a outros, constituindo-se como uma “resposta” ao que foi dito ou, em termos de potencialidade, ao que ainda será dito, considerando que a intertextualidade se encontra na base de constituição de toda e qualquer dizer” (KOCH e ELIAS, 2012:101). A

intertextualidade acontece quando um texto retoma uma parte ou a totalidade de outro texto, geralmente, esses textos fontes são aqueles considerados fundamentais em uma determinada cultura.

Na segunda fábula intitulada “A garça e a piaba”, do aluno Rosimar⁶, 7º ano, a produção textual ocorreu, considerando a leitura de várias fábulas, deixando-o livre para escrever e (re)criar a história de sua fábula.

Essa produção escrita, verificamos a ocorrência de unidade textual na elaboração desta história. O gênero de texto está organizado em forma de prosa como a fábula “O gato e o rato”. Nessa primeira fábula, temos o discurso indireto em toda a narrativa com um narrador onipresente. Já, na fábula “A garça e a piaba”, a trama da narrativa se desenrola com os discursos direto apresentando alguns problemas em seu uso e indireto indicando as sequenciações das ações e fatos narrados.

Como podemos observar os fatos narrados mostram um encadeando lógico das ações dos personagens. A fábula de Rosimar é a história da fome de uma garça, que pescou uma piaba. Esta implorou para não ser comida pela garça e mentiu que daria uma escama mágica para realizar seus desejos, enquanto a garça esperava boiar a escama a piaba fugia. A narrativa finaliza com uma moral – “Nunca confie em quem você não conhece, senão você vai se dar mal”.

Quanto ao gênero textual, a fábula se apresenta com composição, forma verbal e temática conforme propõe a perspectiva bakhtiniana. Em sua composição, temos o enredo da história – a fome de uma garça; o conflito – a pesca de uma piaba; e desfecho – mentira contada para a garça sobre a escama mágica; e a moral. Na leitura na escola e produção escrita do gênero esta estrutura os alunos reconheceram por ser a caracterização da fábula.

Em relação ao estilo verbal o uso da linguagem coloquial predomina neste gênero, como se trata de um gênero cuja natureza é a oralidade, existem em alguns aspectos linguísticos da produção escrita ocorrência de variações fonéticas em verbos (*tou/estou*, *pesca/pescar* e *belisca/beliscar*). Também, há a ausência da organização da margem de paragrafação e pouco domínio na utilização dos sinais de pontuação e ortografia nessa funcionalidade da língua escrita (ANTUNES, 2005).

Em termos da temática, a fábula de Rosimar retoma sentidos discursivos da fábula “A velha garça”, de Monteiro Lobato. Os aspectos retomados se referem ao uso do termo garça, fome, pescaria e falta de sorte para pescar. Diferenciam-se quanto a alguns personagens, por exemplo, o caranguejo (morador do buraco) e piaba. O primeiro leva a notícia falsa aos peixes, que podem ser comidos. A segunda inventa uma mentira da escama mágica que pode realiza os desejos da garça e foge na terceira onda de maresia para não ser comida.

⁶ Produção textual do aluno Rosimar, 6º ano da Escola Municipal São Félix, no dia 07 de dezembro de 2016, situada no Distrito São Miguel, em Breves.

Assim, a partir das análises podemos observar que o ensino, em sala de aula, pode ser trabalhado com o gênero fábula, na perspectiva aqui analisada considerando a produção e discussão dos aspectos linguísticos, tanto escritos como orais, identificando suas características e intertextualidades são ferramentas pedagógicas que auxiliam o professor em sua prática pedagógica (KOCH e ELIAS, 2012).

CONCLUSÃO

O estudo realizado acerca da produção escrita do gênero fábula, em sala de aula, com os alunos do 6º e 7º anos, da Escola Municipal São Félix, situada no Distrito São Miguel constitui uma experiência de prática docente desafiadora pelas condições pedagógicas dos espaços e acervos destinados a leitura e, sobretudo, a produção escrita o desenvolvimento das competências da linguagem escrita.

Em particular, a motivação pelo estudo desta temática surgiu da inquietação como professora de língua portuguesa no meio rural, onde o quadro de conteúdos programáticos sugeridos pelo sistema educacional rural é baseado no trabalho pedagógico com gêneros textuais. Desse modo, tornei o gênero fábula objeto de ensino em sala de aula, priorizando a língua enquanto lugar de enunciação, produção de sentido, lugar de interação dialógica e intertextualidade.

Considerando a língua como lugar social de interação e construções de enunciações dialógicas tecidas em processos intertextuais relacionados as práticas sociais, Bakhtin (1999:123) argumenta que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Pensando a língua como fenômeno social constituída na interação entre falante e ouvinte a perspectiva bakhtiniana desloca a concepção de ensino centrada em um sistema fechado para um sistema dialógico e interativo. Essa compreensão redimensionou a prática docente descentrando o ensino da língua materna apenas restrita as convenções gramaticais.

Essa experiência de pesquisa no meio rural de Breves ajudou-me a crescer profissionalmente no trabalho docente com os gêneros textuais, sobretudo, o trabalho em sala de aula com o gênero fábula. Isso trouxe a concepção mais detalhada de trabalhar a língua portuguesa na escola. Pois, diferente dos alunos da cidade, os do meio rural apresentam com mais tenacidade a ausência dos usos das competências linguísticas, utilizando com mais frequência a escrita na linguagem coloquial.

Desse modo, os questionamentos levados neste estudo foram respondidos conforme as análises e pesquisa do gênero escrito produzido pelos alunos. Com o intuito de organizar, a partir desta análise uma possível sequência de atividades, destacando o trabalhar o gênero em si, suas especificidades e a intertextualidade com as interpretações acerca da produção escrita.

Diante dos fatos ponderados pode-se aludir que o ensino da produção escrita no meio rural, com os alunos do 6º ano e 7º ano, trabalhada com o gênero textual fábula, possui grande significância educativa, pois através da pesquisa e implantação das atividades de leitura, escrita e reescrita podemos observar que foi possível trabalhar a Língua Portuguesa em consonância com seus diferentes níveis de linguagem, assim como, sondar as dificuldades dos alunos diante da produção escrita.

Podemos dizer que essas novas estratégias juntamente com a colaboração da escola para o ensino da escrita do gênero fábula, possibilitou apresentar uma solução por parte do corpo docente para amenizar os problemas de produção textual e, posteriormente, permitir o desenvolvimento das competências linguísticas, textuais, discursivas, coesivas, entre outras. Tecemos, assim, uma inter-relação entre corpo docente, educando e a realidade social, enfatizando uma visão, crítica e reflexiva que o gênero fábula constitui em si mesmo e sua relação com a cultura local.

REFERÊNCIAS

AGUIAR TEIXEIRA, Vera. BORDINI, Maria da Glória. **A Formação do Leitor**. Porto Alegre; Mercado Aberto, 1988.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, São. Paulo: Papirus, 2012.

ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Lutar com as palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola editorial, 2005.

ANTUNES, Celso. **A avaliação da aprendizagem escolar: fascículo 11**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAJTÍN, M. M. El problema de los géneros discursivos. In: **Estética de la creación verbal**. Trad. Tatiana Bubnova. Ciudad del México: Siglo Veintiuno, 1982, p.248-293.

BAKHTIN, M. (Volochnikov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares nacionais: língua portuguesa, terceiro e quarto ciclos**. Brasília: MEC, 1998.

SANTOS, Ana Carolina Gonçalves dos. O gênero fábula como objeto de ensino na escola a produção escrita com os alunos do 6º e 7º anos do meio rural-Breves/PA. In: **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó – Breves **2358-1131**

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 1997.

BRASIL. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional [recurso eletrônico]. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

CRISTO, Ana Cláudia Peixoto de. **Cartografias da educação na Amazônia rural ribeirinha**: estudo do currículo, imagens, saberes e identidade em uma escola do Município de Breves/Pará. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Pará, Belém, 2007, p. 40-59.

DEZOTTI, Maria Celeste Cansolin (organizadora). **A tradição da Fábula**: de Esopo a La Fontaine. – Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

GAGO, Paulo Cortes; VIEIRA, Lucilene Santos Lima. O processo de retextualização a partir do gênero textual fábula: uma pesquisa participativa com alunos do 3º ano do ensino fundamental. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 6, n. 1, jan./abr. 2006, p. 45-62.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, I. V. e TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção. São Paulo: Contexto, 2012.

LEÃO, Dione do Socorro de Souza. **O porto em narrativas**: experiências de trabalhadores, moradores e frequentadores da área portuária em Breves-PA (1940-1980). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

LESSARD, Michelle; GOYETTE, Hérbert Gabriel Goyette; e GÉRALD BOUTIN. **Investigação qualitativa**: fundamentos e práticas. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

LIMA, Renan de Moura Rodrigues; ROSA, Lúcia Regina Lucas da. O uso das fábulas no ensino fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. **CIPPUS – Revista de Iniciação Científica do UNILASALLE**, v. 1 n. 1 maio/2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 19-38.

_____. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno; FONSECA, Maria de Jesus da Conceição Ferreira; SANTOS, Tânia Regina Lobato dos. A entrevista na pesquisa educacional (capítulo 3). In: MARCONDES,

SANTOS, Ana Carolina Gonçalves dos. O gênero fábula como objeto de ensino na escola a produção escrita com os alunos do 6º e 7º anos do meio rural-Breves/PA. In: **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó – Breves **2358-1131**

Maria Inês; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2010, p. 38-53.

PACHECO, Agenor Sarraf. A conquista do ocidente marajoara: índios, portugueses e religiosos em reinvenções históricas. In: SCHAAN, D. P.; MARTINS, C. P. (Orgs). **Muito Além dos Campos: arqueologia e história na Amazônia Marajoara**. Belém: GKNORONHA, 2010, p. 11-30.

_____. **En el corazón de la Amazonía: identidades, saberes e religiosidades no Regime das Águas Marajoaras**. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: PUC-SP, 2009.

PORTELLA, Oswaldo O. **Fábula**. Letras. Curitiba, UFPR, 1983, p.119 – 138.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **Leitura e (Re)escritura de textos: subsídios teóricos e práticos para o seu ensino**. São Paulo: Editora rêspel, 2001.

ROJO, Roxane; CORDEIRO, Glaís Sales. Apresentação: gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modo de pensar, modo de fazer. In: ROJO, Roxane; CORDEIRO, Glaís Sales. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 7-17.

SILVA, Joel Pantoja da. **Memórias Tupi em narrativas orais no rio Tajapuru – Marajó das Florestas – Pa**. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura). Universidade da Amazônia, Belém, 2013.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

SANTOS, Ana Carolina Gonçalves dos. O gênero fábula como objeto de ensino na escola a produção escrita com os alunos do 6º e 7º anos do meio rural-Breves/PA. In: **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó – Breves **2358-1131**